

Ciclo de Conferências
50 anos das Ciências da Comunicação no
Brasil: a contribuição de São Paulo

Renovadores das Ciências da
Comunicação

Mariluce Moura



A imprensa em questão

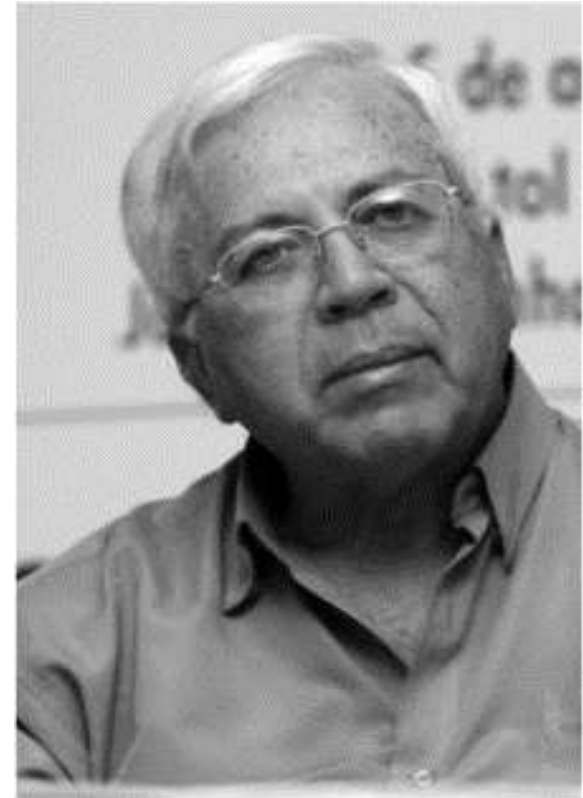


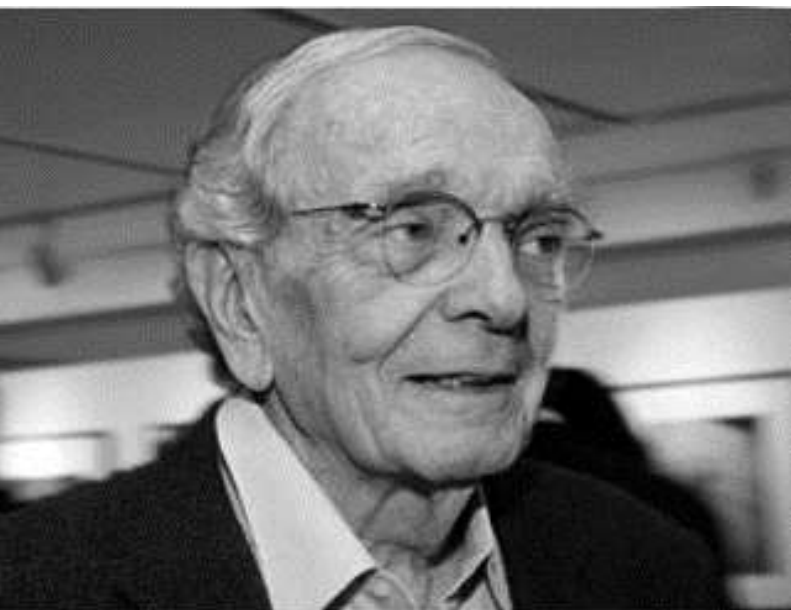
“O seminário ‘A imprensa em questão’ [12 a 14 de abril de 1994] é o evento fundador do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo. É a imprensa vista de diferentes lugares filosóficos, epistemológicos, políticos, sociais, profissionais. De dentro, de lado, de perfil, de frente, de costas”.

(Carlos Vogt – professor titular de Linguística, ex-reitor da Unicamp, diretor do Uniemp, coordenador do Labjor)

“Até que ponto o denunciamento obsessivo da imprensa, nem sempre fundado em apuração rigorosa dos fatos, vem atemorizando os cidadãos e minando a sua confiança na democracia e na liberdade de expressão?”

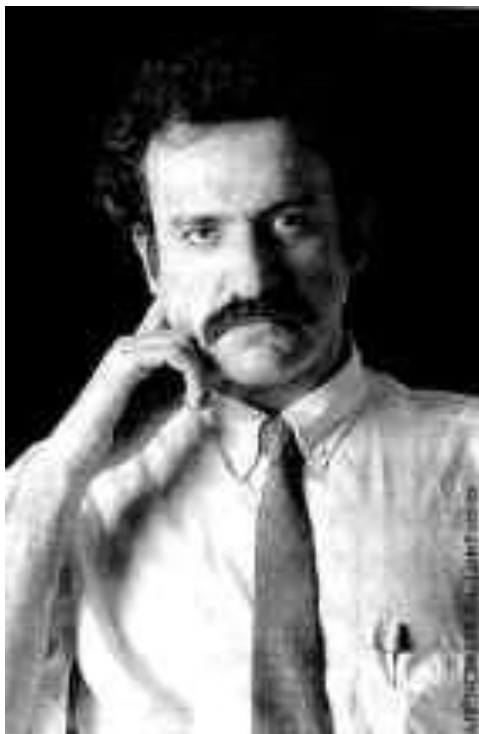
(José Marques de Melo – professor titular de jornalismo da USP, pesquisador sênior do Labjor)





“A imprensa é o espelho do país, mas, como todos os espelhos, é um instrumento polido e trabalhado para que possa representar não só a imagem daquilo que está refletido, mas aquilo que o objeto gostaria de parecer. A imprensa não deve ser reprodução exata do país que a produz. Tem que ser melhor – para servir de estímulo e fornecer os desafios”.

(Alberto Dines – escritor e jornalista, pesquisador sênior do Labjor)



“Minha dúvida, quanto ao crescimento dos jornais brasileiros, é até que ponto ele é provocado pela conquista de novos leitores ou pela adesão (necessariamente) temporária de usuários. Se for pela última, este é um crescimento que pode não se sustentar com o tempo. O único crescimento real, que se sustenta com o tempo, é o que se obtém pela conquista de novos leitores”.

(Carlos Eduardo Lins da Silva – jornalista, correspondente da *Folha de S. Paulo* em Washington)



“Um assunto de relevância quando se discute a visão dos empresários sobre o jornalismo é a profissão de editor. Para ser editor, na acepção total da palavra, é preciso ter não só sensibilidade jornalística, mas também sensibilidade empresarial. O verdadeiro editor é aquele que consegue manter o equilíbrio entre ser jornalista e ser empresário competente”.

(Roberto Civita – empresário, diretor-presidente da Editora Abril)

“Qual será o futuro do jornalismo de papel e tinta em um mercado cada vez mais eletrônico e computadorizado? (...) os jornais nos últimos 40 anos cresceram em tamanho e ficaram mais fortes e influentes. Apenas como exemplo, a New York Times Company, que edita o *New York Times*, comprou o jornal Boston Globe por 1,2 bilhão de dólares em 1993, num dos maiores negócios da comunicação nos últimos anos. Não deixo, contudo, de acrescentar que essa mudança do jornal em papel e tinta para um jornal eletrônico virá um dia. Ela é, em verdade, inexorável”.

(Luis Frias – empresário, diretor-presidente da empresa Folha da Manhã S/A)



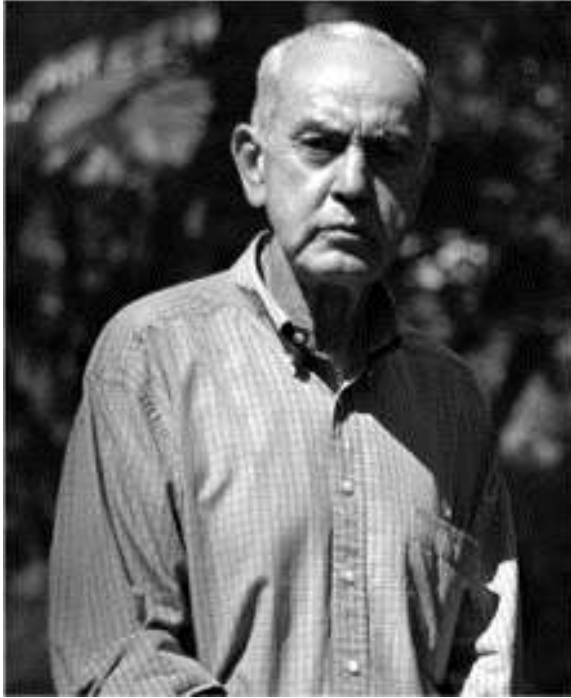
“É preciso ouvir várias fontes (...), mas isso custa caro (...). Por isso há pouco jornalismo investigativo e os jornalistas sabem cada vez menos como fazer uma investigação, se aprofundar, ir atrás de cada ponta. É a investigação que dá qualidade, que traduz a realidade e diferencia o jornalismo escrito da mídia eletrônica (...)”.

(Judith Patarra – jornalista, redatora da revista Caras)



“A crise do radiojornalismo brasileiro tem suas raízes na situação econômica do país, mas está também diretamente ligada aos objetivos político-eleitorais que cercam os meios de comunicação eletrônicos. O ex-presidente José Sarney, por ocasião da Constituição de 1988, conseguiu ficar cinco anos no poder porque distribuiu, em larga escala, concessões de canais de rádio e televisão”.

(Heródoto Barbeiro – jornalista, diretor de jornalismo da CBN)



“Até recentemente, o mundo se dividia entre os países que tinham imprensa livre e os que tinham ditadura (...) A imprensa livre é a que permite, a todos nós, falar bobagens. A taxa de bobagens na imprensa nacional é altíssima, mas é um direito e algo que oxigena a sociedade, dá dinheiro e é uma condição da democracia ocidental”.

(José Hamilton Ribeiro – jornalista, repórter do programa Globo Rural)



“As redações têm, um pouco pela empáfia natural dos jornalistas, um pouco por uma série de defeitos acumulados ao longo dos anos, especialmente no Brasil, uma arrogância extrema. Para todo jornalista o leitor é um chato”.

Júnia Nogueira de Sá – jornalista,
ombudsman da Folha de S.Paulo

Obrigada

Mariluce Moura
mariluce@fapesp.br